



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA BEATRIZ LIRA DE ANDRADE

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEXISMO E O RACISMO NA CULTURA BRASILEIRA:
PSICANÁLISE, GÊNERO E RAÇA.**

BRASÍLIA

2022

ANA BEATRIZ LIRA DE ANDRADE

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEXISMO E O RACISMO NA CULTURA BRASILEIRA:
PSICANÁLISE, GÊNERO E RAÇA.**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof^a Ma. Lívia Campos e Silva.

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem sempre direciono minha fé e gratidão.

A minha mãe e ao meu pai, meus maiores apoiadores e incentivadores. Eles que sempre me motivaram a estudar e sempre ter interesse pelo conhecimento, nunca mediram esforços para me ajudar e embarcaram nessa jornada comigo.

A professora Lívia Campos a quem admiro pela excelente e excepcional profissional que é. Acreditou e me guiou com parceria, carinho e dedicação. Obrigada pelo incentivo e paciência sempre, por compartilhar todo seu conhecimento e me proporcionar reflexões e ultrapassam o que está escrito nos livros.

Ao professor Juliano Lagoas, orientador da primeira versão deste trabalho e que colocou o interesse pela psicanálise na minha jornada acadêmica.

A minha companheira nessa jornada da Iniciação Científica, Tamna, que foi quem aguentou e viveu comigo todas as angústias e ansiedades inerentes ao processo, mas que também celebrou e se alegrou com cada conquista e avanço. Sem você esse caminho não teria sido tão especial.

A todas as mulheres entrevistadas que me proporcionaram saber brevemente de suas vivências e realidades. A elas que são o motivo e razão desta pesquisa. Elas que compartilharam suas dores profundas, as quais me tocaram e me motivaram a nunca deixar de lado suas lutas.

“A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio.[...] Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se em suas potencialidades. [...] Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.”

Neusa Santos

RESUMO

Os impactos do racismo e do sexismo são inegáveis, e atravessam a vida das mulheres negras significativamente. A história presente da sociedade brasileira evidencia a realidade latente de um período escravocrata que não deixou de existir. O presente trabalho teve como objetivo investigar como os fenômenos do racismo e do sexismo se articulam no contexto brasileiro, bem como analisar o impacto desses fenômenos no processo de estruturação subjetiva e identificar os processos de sofrimento psíquico experienciado por mulheres negras, tendo como base teórica a psicanálise. Inicialmente, na fundamentação teórica, foram abordados os conceitos de feminilidade e a questão do sexismo. Em seguida, reflexões sobre o racismo e suas consequências, também foram trazidos conceitos da teoria psicanalítica para uma melhor compreensão dos aspectos psíquicos. Depois, foram pontuadas as articulações entre racismo e sexismo, ressaltando a importância de debater e investigar sobre interseccionalidade, considerando que essas realidades não se anulam, e sim se somam e se anunciam de modo único em cada uma das mulheres. Para o alcance dos objetivos, foram realizadas entrevistas semi estruturadas e individuais, com seis mulheres negras, entre 23 e 33 anos. Então, utilizando-se da estratégia metodológica da “análise de discurso” foram analisadas as falas das entrevistadas. Com isso, foi possível notar como os discursos compartilhados abordavam questões de sofrimento, luta e medo, e como esses sentimentos ganharam forma na vida dessas mulheres. Além disso, foi permitido compreender como essas violências geram sofrimento psíquico e seus impactos na experiência subjetiva de mulheres negras. Por fim, através das experiências compartilhadas pelas entrevistadas percebeu-se que o cotidiano das mesmas é perpassado por diversas opressões simbólicas e não só físicas.

Palavras-chave: racismo; sexismo; psicanálise; sofrimento psíquico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. O FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE	11
2.2. O RACISMO SEGUNDO A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA	14
2.3. ARTICULANDO GÊNERO E RAÇA	15
3 MÉTODO	18
3.1. PARTICIPANTES	19
3.2. INSTRUMENTOS E MATERIAIS	20
3.3. PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DO MATERIAL	20
3.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO MATERIAL	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A	37
ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

A população negra no Brasil é atravessada diariamente pelos impactos do racismo. Desde expressivas desigualdades em termos de oportunidade de ascensão social e econômica, passando pela dificuldade de acesso a direitos sociais básicos, até o extermínio da população periférica e o genocídio, chancelado pelo Estado brasileiro, da juventude negra, observamos os abismos que escancaram as inequidades estruturais e institucionais entre negros e brancos¹. No entanto, nem por isso é incomum nos depararmos com a difusão acrítica de narrativas que afirmam sermos um país miscigenado e cordial em relação à diversidade étnico-racial. O discurso que defende a superação das desigualdades no período pós-abolição é posto a serviço da sustentação da ideia de que, no Brasil, a despeito de seu passado escravocrata, prevalece uma democracia racial.

No entanto, o mito da democracia racial não se sustenta quando somos colocados diante de uma realidade que, ao invés de fazer parte do passado, pode ser vista até os dias de hoje. Segundo dados da Subsecretaria de Inspeção do Trabalho, em 2021, cerca de 2 mil trabalhadores foram resgatados de trabalhos análogos à escravidão, sendo que destes, 80% são negros ou pardos. Assim sendo, os efeitos da escravidão vão para além de suas consequências e resultados diretos e observáveis, como o citado acima, mas também perpassam as bases de como uma sociedade foi ‘reconstruída’ após sua ‘abolição’.

A estrutura mítica do discurso da democracia racial é denunciada por Lélia Gonzáles (1984). Partindo da psicanálise, Lélia propõe compreender o racismo como “a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (1984, p. 224). Seu argumento visa mostrar como o racismo no Brasil tem uma estrutura de denegação e, ao ser articulado com o sexismo, “produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (Gonzáles, 1984, p. 224). Apesar de negado, o racismo é uma realidade vigente, dada a ausência de reparações históricas e de políticas governamentais de inclusão social no período pós-abolição.

Levando em conta a realidade complexa das mulheres na sociedade brasileira, e a existência desses dois fenômenos, o sexismo e o racismo, que perpassam a vivência da maioria delas, Mayorga (2013) chama atenção que a generalização da compreensão das experiências de opressão das mulheres é equivocada e desconsidera a diversidade e

¹ De acordo com a última publicação do Atlas da Violência, no ano de 2017, as pessoas negras representavam 75,5% das vítimas de homicídios - uma das causas de mortes violentas - no país. Em um período de dez anos, de 2007 a 2017, a letalidade entre negros cresceu 62,3%; Em 2018, taxa de jovens branco cursando ou com ensino superior concluído era o dobro da dos jovens pretos ou pardos; Em 2019, o rendimento médio mensal dos brancos foi, em média, 56,6% maior do que o da população negra.

heterogeneidade das mesmas. Desse modo, torna-se indispensável considerar as diferentes posições étnico-raciais existentes entre as mulheres e as relações de poder que evidenciam suas possibilidades materiais. Refletir acerca desses marcadores históricos, sociais e culturais é indispensável para o debate sobre as relações entre gênero e raça (Mayorga et al., 2013).

É nessa direção que Lélia Gonzalez (1984) nos provoca a refletir sobre o papel duplo desempenhado pela mulher negra no cotidiano brasileiro. Se, por um lado, a mulher negra é reduzida à função de doméstica, reatualizando o lugar da escrava, que deveria servir e cuidar, por outro, no carnaval, essa mesma mulher negra é almejada e desejada, principalmente pelo homem branco, reeditando, assim, o papel da mulata, que, na época da escravidão, era obrigada a satisfazer o desejo sexual do senhor. Essa dualidade presente nos papéis exercidos pelas mulheres negras é reveladora dos efeitos de uma violência simbólica que o mito da democracia racial não é capaz de apagar (González, 1984).

Carla Akotirene (2019) propõe a interseccionalidade como uma tática categorial importante para abarcar as intersecções pelas quais determinados sujeitos são atravessados. A interseccionalidade pretende oferecer instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, sistemas aos quais as mulheres negras estão vinculadas, dada a sobreposição que há entre gênero, raça e classe.

Portanto, partindo do fato de que as mulheres negras são os principais alvos do sexismo e do racismo no Brasil, cabe levantarmos alguns questionamentos: de que maneira gênero e raça se articulam no que se refere às experiências de opressão e violência social vivenciadas pelas mulheres negras? Quais relações podem ser estabelecidas entre o sexismo e o racismo? Como a mulher negra, nesse contexto, constitui sua subjetividade, sua dinâmica de estruturação psíquica, bem como suas modalidades e gramáticas de reconhecimento?

OBJETIVOS

O objetivo geral da presente pesquisa é investigar como os fenômenos do racismo e do sexismo se articulam no contexto brasileiro. Partindo da psicanálise, trata-se, para nossos propósitos, de fazer uma análise dos sentidos, e rupturas de sentidos, presentes na experiência de mulheres negras no que tange aos seus processos de estruturação subjetiva, suas modalidades de sofrimento psíquico, bem como as formas de resistência às opressões por elas vivenciadas.

Posto esse objetivo geral, estruturamos a pesquisa a partir dos seguintes objetivos específicos:

(i) analisar o impacto do racismo e do sexismo no processo de estruturação subjetiva e nas dinâmicas de funcionamento psíquico das mulheres negras, considerando, para tanto, suas facetas sócio-históricas, culturais e políticas.

(ii) identificar os processos de sofrimento psíquico vivenciados pelas mulheres negras, bem como suas estratégias de resistência e de luta, frente às opressões de raça e de gênero.

(iii) investigar de que forma pode a psicanálise contribuir, em termos teórico-clínicos, para o entendimento das questões relativas à raça e gênero, o questionamento das relações de poder para as quais esses marcadores apontam, bem como para o exame da forma como essas coordenadas se interseccionam e interpelam a experiência subjetiva das mulheres negras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para uma melhor compreensão do tema em questão, a pesquisa será desdobrada nos seguintes eixos temáticos: (i) o feminino na contemporaneidade; (ii) o racismo segundo uma perspectiva psicanalítica; (iii) articulando gênero e raça.

2.1. O feminino na contemporaneidade

Os debates relacionados às questões de gênero foram desenvolvidos no interior do pensamento feminista e tiveram ênfase em decorrência das discussões sobre a divergência das desigualdades entre homens e mulheres, que eram entendidas como resultantes de diferenças biológicas. Essas discussões foram acentuadas, principalmente, a partir da década de 1970, por causa do movimento feminista e também por estudiosas(os) nas universidades do Ocidente. A luta por direitos iguais, pelas feministas, procurava, além de bases teóricas para pautar essa busca por igualdade, investigar como a relação entre os gêneros homem/mulher foi construída historicamente e culturalmente, não tendo suas raízes exclusivamente relacionadas a fatores biológicos (Silva, 2013).

Por fim, um marco de extrema importância referente à luta feminista no Brasil, que ainda sim não esgota a complexa realidade ainda enfrentada pelas mulheres, é a Lei nº 11.340/2006, comumente conhecida como “Lei Maria da Penha”. Nesta lei foram estabelecidas definições e criados instrumentos e mecanismos processuais com vistas a

coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Também a Lei nº 13.104/2015 foi um marco relevante, responsável pela introdução no ordenamento jurídico brasileiro da figura do “feminicídio” que mesmo tendo essa especificidade, configura uma qualificadora do homicídio e não um tipo penal autônomo (Santos & Stempniewski, 2020).

A partir desses dados estatísticos e históricos, torna-se relevante estudar e analisar o papel do feminino na atualidade brasileira. Tradicionalmente, a condição feminina é atribuída às pessoas que nasceram com o sexo e as funções biológicas características da fêmea, se diferenciando do masculino exclusivamente por características naturais (Antoniassi Junior et. al., 2019).

Percebe-se que, de forma constante, a sociedade, no decorrer de sua história, reforça e demarca essas diferenças. Determinações de como é, ou deve ser, o corpo femino ideal e significados rígidos do que é ser mulher são fortemente atreladas à noção do que se considera feminilidade. Desse modo, faz-se mister compreender que a feminilidade é uma construção da sociedade que persiste ao longo dos séculos, a fim de designar o que é ser mulher nos diferentes contextos (Antoniassi Junior et. al., 2019). Como, de forma pioneira, demarcou Simone de Beauvoir (1967) em seu livro “O segundo sexo”: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade;” (p. 9), atentando para o fato de que é através de mediações sociais que as mulheres são ensinadas, desde a infância, a cumprir papéis historicamente associados ao feminino, tais como: submissão, docilidade, autocuidado e cuidado do outro. Assim, ainda na contemporaneidade, as mulheres enfrentam dificuldades para vivenciar uma experiência mais fluida, flexível e singular do feminino, sem se referenciar pelo paradigma de feminilidade definido pelo patriarcado.

Entretanto, é possível reparar que, ao longo do tempo, diversas mudanças ocorreram, através de questionamentos e rupturas, nesse modo de pensar. Porém, é visível que esse discurso ainda permeia a vivência das mulheres em diferentes áreas e de diversas maneiras. Desde crianças, as concepções corporais de gênero são tidas como naturais e pertencentes à feminilidade, ao passo que na verdade são decorrentes de uma construção social mantida ao longo do tempo pelos discursos culturais, como, por exemplo, pelo discurso de que a mulher nasce para ser mãe justamente por questões corporais (Antoniassi Junior et. al., 2019).

Por outro lado, deve-se considerar que, na contemporaneidade, a mulher tem alcançado novos espaços, a luta pelos seus direitos e seu empoderamento são cada vez mais

visíveis. No entanto, a antiga narrativa do feminino e as bagagens acerca da feminilidade ainda se fazem presentes na definição e compreensão das funções da mulher atualmente. Apesar disso, as conquistas e vitórias já alcançadas devem ser celebradas e evidenciadas, tendo em vista que superaram barreiras sustentadas histórica e socialmente. Como exemplo dessas conquistas, pode-se falar sobre os lugares conquistados no mercado de trabalho, bem como as leis, como a Lei Maria da Penha, citada anteriormente, que abarcam, mesmo que não completamente, a complexidade da vivência da mulher (Antoniassi Junior et. al., 2019).

Simone Beauvoir (1970), no item “O ponto de vista psicanalítico”, evidencia e reconhece o progresso de Freud ao considerar que aquilo que intervém no psiquismo possui um sentido humano, ou seja, que aquilo que existe concretamente é o corpo vivido e simbolizado pelo sujeito. Dessa forma, a psicanálise contribui para a noção, que foi tratada acima, de que a fêmea é uma mulher, na medida em que se sente como tal (Silveira, 2019). Também pode-se destacar a importância de Freud e da sua clínica na escuta e acolhimento do feminino, visto que ele deu às mulheres um lugar subjetivo diferente daquele que lhes era imposto, a partir do seu estudo sobre a histeria, ao considerar o que as mesmas traziam em suas falas (Silveira, 2019).

No entanto, apesar dessa contribuição de Freud, alguns pontos devem ser discutidos acerca da teoria psicanalítica freudiana. Considerando o momento histórico da época, fortemente influenciado pelo patriarcado, a valorização do falo precisa ser pensada como algo resultante do contexto vigente, constituído por formas de opressão da mulher e por sua designação como outro. Também a valorização do pênis ao compreender que a menina teria inveja dessa virilidade é mais um ponto a ser debatido (Silveira, 2019). No entanto, o problema destacado não se restringe ao fato anatômico por si, o problema consiste na passagem do privilégio anatômico para o privilégio humano, pois, nesse caso, o dado anatômico só pode ser apreendido se inserido numa totalidade, o que corresponde à necessidade de situar historicamente a psicanálise (Beauvoir, 1970).

Ademais, no que concerne ao aspecto psíquico, Simone Beauvoir (1970) critica a descrição do Édipo trazida por Freud: ambos os pontos decorrem do fato dele ter sido pensado na mulher a partir de um modelo masculino. Assim, Beauvoir (1970) observa um aspecto importante: a simetria que Freud pensava haver entre o desenvolvimento sexual da menina e do menino.

2.2. O racismo segundo a perspectiva psicanalítica

Inicialmente, ao tratarmos de racismo, cabe um breve parecer histórico, tendo em vista que tal tema é fundamentado em uma produção social e cultural. Sabe-se que desde a colonização brasileira, e o deslocamento forçado dos negros africanos do continente africano para servirem como mão de obra, o racismo é uma realidade no Brasil. Apesar da abolição da escravatura em 1888, os marcos deixados por esse período jamais serão apagados da história brasileira, as diferenças raciais, econômicas e sociais não foram abolidas e até os dias de hoje estão presentes. Como aponta Almeida (2019), o racismo deve ser pensado como uma construção ideológica e um conjunto de práticas que foram sustentadas e reforçadas desde a abolição da escravatura, podendo ser notadas no âmbito individual, institucional e estrutural.

Nesse sentido, é inegável a constatação de que a sociedade brasileira é racista e tem sua constituição enquanto nação marcada por essa violência. Para além das evidências contemporâneas, há um passado e uma história carimbados pelas memórias de opressão e sofrimento da população negra. Como nos faz refletir Birman (2020), essa memória constitui a subjetividade individual e coletiva, a qual é marcada por uma percepção do negro como inferior e não belo, ao passo que o branco é belo e melhor.

No entanto, o racismo ainda é visto como um fenômeno periférico e marginal ao desenvolvimento social e político, o que contribui para o entendimento de que o racismo está na estrutura das relações sociais, porém não é um determinante das mesmas. Entretanto, a problemática do racismo pode servir para se pensar a questão da subjetividade dos sujeitos negros. Assim, para além dos aspectos coletivos e sociais destacados, é necessário refletir como a experiência real do racismo produz cicatrizes psíquicas e interpela as lutas e os sentimentos das mulheres negras, sua realidade e vivências cotidianas (Kilomba, 2019).

Para Freud (1923), o Eu é fruto de um processo de desenvolvimento que toma como base a identificação com uma alteridade, modelo referencial para sua constituição. Como diz Neusa Santos (1983) “(...) um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que seja através de uma mediação: a idealização dos pais, substitutos e ideais coletivos. Esse Ideal do Eu.” (p. 33). Assim, essa instância, o Eu Ideal, é fundamental para o domínio simbólico e também a instância que estrutura psiquicamente o sujeito. O processo de constituição do Eu se dá, principalmente, pelo investimento libidinal no próprio corpo, ou

seja, a partir de um redirecionamento da libido para si, processo esse denominado narcisismo. Essa etapa do desenvolvimento infantil se dá entre o autoerotismo, momento inicial na criança na qual ela ainda é corpo desorganizado, e a escolha objetal, fase em que a libido vai se direcionar para um objeto externo (Freud, 1914).

Dessa maneira, o processo de constituição do Ideal do Eu se dá no momento em que a criança percebe que não é mais a majestade dos pais. Essa compreensão vem a partir do processo de socialização, quando a criança, pelo contato com o outro, entende a necessidade de atender a certas exigências para ser amada.

Neusa Santos (1990) vai apontar que o Ideal de Eu do sujeito negro é um Ideal de Eu branco, uma ideologia que é imposta como algo a ser atingindo. No entanto, cabe a pergunta: como então se constrói o Ideal de Eu do sujeito negro? A partir da compreensão de que os antepassados têm um lugar singular na história das pessoas negras, especialmente do negro brasileiro, podemos pensar que são essas figuras que constroem o sistema Supereu-Ideal-Eu do mesmo (Sousa, 1990).

Inicialmente, o contexto familiar é o principal ambiente de constituição do sujeito. Posteriormente, o meio social se faz fundamental, pois é nesse ambiente que o Ideal do Eu vai passar a encontrar meios de reforçar-se, conquistando então o significado de modelo ideal. Dessa forma, pode-se refletir sobre como numa sociedade racista, hegemonicamente branca, o negro enfrenta as opressões que o cercam: “O relacionamento entre o Eu e o Ideal do Eu é vivido sob o signo da tensão. E como não sê-lo, se o Supereu bombardeia o Eu com incessantes exigências de atingir um Ideal inalcançável?” (p. 38).

Portanto, as marcas deixadas no psiquismo do sujeito negro por causa do racismo são evidenciadas através da frustração que o mesmo enfrenta por não conseguir atingir um Ideal - que, no seu processo de constituição narcísica, e isso é importante frisar, é um Ideal branco -, tendo em vista que esta não pode ser realizado pelo Eu, afinal, é impossível para o negro se tornar branco (Sousa, 1990).

2.3. Articulando gênero e raça

Para iniciar o seguinte eixo temático, partimos de uma ilustração de como as questões de gênero e raça se entrelaçam no cotidiano das mulheres negras. A autora Grada Kilomba traz como exemplo uma situação vivida por volta dos seus 12 ou 13 anos, quando ainda era uma jovem menina negra que, numa ida ao médico, escuta do doutor uma

proposta. Como ele e sua família (esposa e os dois filhos) planejavam viajar de férias para Portugal, ele resolve perguntar para Grada se ela não gostaria de acompanhá-los para “ajudar” nas tarefas domésticas. No convite, esclarece que mesmo o cuidado da casa sendo sua função principal, ela poderia gozar da liberdade de, por exemplo, ir à praia e fazer “o que quiser”. Esse fato escancara como a jovem menina negra não foi vista como uma criança, mas, antes de tudo, como uma empregada doméstica que, ao ser situada nessa posição específica, transforma a relação médico/paciente em uma relação de senhor/servente: a empregada negra e o senhor branco (Kilomba, 2019).

A autora, então, traz uma reflexão interessante a partir desse ocorrido, modificando os papéis ali desempenhados. E se no lugar de uma menina negra o médico estivesse diante de uma menina branca, ele consideraria a proposta ou a enxergaria como uma criança? E se o médico fosse um homem negro, ele faria a oferta à uma menina branca? Ainda mais, e se fosse uma médica negra? É provável que, dado os significados culturais atrelados a essas identidades, nessas ocasiões, o convite não fosse realizado. No entanto, se o lugar de Grada na cena fosse ocupado por um menino negro e o lugar do médico fosse ocupado por uma médica branca, as chances de a proposta ser feita aumentarim consideravelmente (Kilomba, 2019).

Assim, esse exemplo revela os efeitos que os marcadores de gênero e raça produzem em termos das relações de poder que interpelam a subjetividade. No entanto, a interpretação de Kilomba (2019) considera que a questão da raça se sobrepõe à questão do gênero, nesse caso. As questões de gênero são consideradas como secundárias, e por vezes até irrelevantes, pois, como afirma a autora, a realidade mais dura é a do racismo: quando a cor da pele dos “personagens” é trocada, se alteram significativamente as relações estabelecidas (Kilomba, 2019).

Assim, quando o marcador de gênero é situado em uma posição inferior em relação à questão racial, pode-se pensar em algumas consequências significativas, como, por exemplo, considerar que as mulheres negras, que carregam consigo as opressões relativas ao racismo, e não só relacionadas ao gênero, podem ser incluídas completamente nos discursos e representações de mulheres ocidentais brancas, desconsiderando suas especificidades. Desse modo, no caso da mulher negra, que é afetada simultaneamente por atravessamentos relativos ao gênero e à cor da pele, é preciso superar esta ideia de uma hierarquia de opressões, de modo a visibilizar e deslindar uma articulação interseccional, tendo em vista

que estas duas formas de dominação se entrelaçam e geram efeitos específicos (Kilomba, 2019).

Entendendo, então, que as questões de gênero e raça estão inevitavelmente interligadas, uma crítica sobre a ideia de sororidade se faz pertinente. O termo sororidade foi abordado para falar de uma universalidade entre as mulheres, especialmente por feministas ocidentais, estas que sofreram conjuntamente as opressões de uma sociedade patriarcal. No entanto, mesmo que a ideia seja interessante, e até possa soar como algo totalmente empático, há um problema sério que precisa ser evidenciado, a saber: a omissão da história da escravidão e do racismo, momento no qual é necessário considerar o papel das mulheres brancas, que ocupavam um lugar privilegiado de poder e exerciam sua autoridade em relação às mulheres negras na manutenção de uma estrutura opressiva (Kilomba, 2019).

Considerar uma visão de mundo que é dividida apenas entre homens poderosos e mulheres subordinadas é desprezar as diversidades existentes tanto na experiência das mulheres quanto dos homens. Mulheres negras têm construções de feminilidade diferentes de mulheres brancas, no entanto os ideais e referenciais de feminilidade são embasados nas características e realidades das mulheres brancas. O que, conseqüentemente, contribui para intensificar o sofrimento psíquico das mulheres negras. Nessa perspectiva, afirma Silva (2004):

...o inconsciente coletivo marcado pelo racismo e sexismo, manifestado através dos preconceitos, estereótipo e discriminação, é gerador de situações de violência física e simbólica, que produzem marcas psíquicas, ocasionam dificuldades e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo. (p. 130)

O que a autora afirma contribui para a reflexão sobre interseccionalidade, ainda mais quando se percebe que ambos os sofrimentos, tanto do racismo quanto do sexismo, são formas de violências que ultrapassam a dimensão física. Assim, é de suma importância trazer para o debate e para a reflexão a violência simbólica resultante desses fenômenos, a qual fomenta ainda mais o sofrimento experienciado pelas mulheres negras. À vista do que foi exposto, para reconhecer e considerar a complexidade da experiência psíquica das mulheres negras, é indispensável compreender e validar as intersecções existentes entre gênero e raça.

3 MÉTODO

Este trabalho, de natureza qualitativa e exploratória, foi realizado a partir das estratégias metodológicas da Análise do Discurso, em articulação com os fundamentos teórico-metodológicos da psicanálise, de tal forma a investigar as incidências psíquicas, afetivas, simbólicas e sócio-culturais do racismo e do sexismo a partir da escuta da experiência subjetiva de mulheres negras, mediante um levantamento de campo.

A pesquisa de natureza exploratória, muito comum para fins acadêmicos, se caracteriza principalmente pelo seu caráter dinâmico e flexível e pode se dar de diversas formas. No entanto, normalmente, a etapa de coleta de dados inclui levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos. Esse tipo de pesquisa objetiva favorece um vínculo maior com a situação a ser estudada, a fim de vê-la com mais detalhes e especificidades, o que pode possibilitar a formação de hipóteses mais coerentes e próximas do fenômeno (Gil, 2017).

A presente pesquisa visa dar foco à indissociabilidade entre a esfera subjetiva e o campo dos fenômenos sociais e políticos. Tal como propõe Rosa e Domingues (2010), a divisão entre indivíduo e sociedade é antifreudiana e será substituída por uma perspectiva bio-psico-social, dada a relevância e o olhar sensível que psicanálise direciona para as transformações psíquicas produzidas pelas instituições e pela vida social.

No que se refere ao método da Análise do Discurso, tal como preconizado pelo filósofo francês Michel Pêcheux, busca-se analisar o discurso a partir de um entendimento da língua enquanto estrutura simbólica, articulada à dimensão do sentido e não apenas enquanto estrutura sintática. A Análise do Discurso não se reduz à gramática e nem à língua em si, apesar de considerar sua importância. Ao contrário, sua atenção se direciona ao curso da palavra, isto é, ao seu caráter dinâmico. Essa noção de movimento e percurso é observada na ação do ser humano ao utilizar a linguagem, ou seja, trata-se de observá-lo falando (Orlandi, 2005).

Essa metodologia leva em consideração um trabalho simbólico e social, compreendendo a língua como uma estrutura constituinte da experiência humana e de sua história, na medida em que lhe proporciona a capacidade de significar e significar-se. Portanto, a Análise do Discurso entende a linguagem como uma mediação fundamental entre o ser humano e a realidade natural e social (Orlandi, 2005).

Ademais, o discurso sustenta os vários textos que circulam em uma sociedade. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que diz?/como diz?) e uma análise externa (por que diz o que diz?). No momento em que analisamos o discurso também estamos averiguando a forma como ele se relaciona com a situação que o criou. Dessa forma, essa estratégia metodológica visa colocar em relação o campo da língua e o campo da sociedade, que envolve a história e a ideologia (Gregolin, 1995).

A ideologia por sua vez, ainda segundo Gregolin (1995), se refere a maneira como uma certa classe da sociedade enxerga e percebe o mundo e também como a mesma representa a ordem social. Assim, podemos entender a ideologia como um conjunto de representações dominantes em uma classe social. No entanto, sabe-se que a sociedade é composta pelas mais diversas classes. Conseqüentemente, diferentes ideologias se fazem presente nesse contexto e vivem em conflito. Portanto, no que se refere ao discurso, é possível verificar como as formações ideológicas influem na “formação discursiva”, tendo em vista que a linguagem também é influenciada pelas ideologias.

Além disso, mesmo levando em conta a fala, cabe ressaltar que não se trata de reduzir a questão da subjetividade ao linguístico, tendo em vista que essa instância compreende a historicidade do sujeito, e apesar da subjetividade estar pautada em elementos linguísticos, a mesma não se restringe à eles (Orlandi, 2005).

3.1. Participantes

Participaram desta pesquisa 6 mulheres que se autodeclararam negras, e que se identificaram com o gênero feminino, de diversas classes sociais, que tinham entre 23 e 33 anos de idade.

Assim, foram realizadas entrevistas individuais com as participantes, objetivando explorar questões relacionadas ao racismo e sexismo e seus impactos na vida psíquica das mesmas. As participantes foram: Wanda, 24 anos, Publicitária; Natália, 31 anos, Engenheira de Energia; Letícia, 33 anos, Analista de Backoffice; Fernanda, 23 anos, Estudante Universitária; Amanda, 30 anos, Historiadora e Professora; e por fim, Tatiana, 29 anos, Pedagoga².

² Nomes fictícios criados para preservar a identidade das participantes.

3.2. Instrumentos e materiais

Levando em conta os objetivos da pesquisa, foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas com mulheres que se autodenominam negras. Os materiais utilizados foram: 6 cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo A), um roteiro com 14 perguntas semi-estruturadas para guiar a condução da entrevista (Apêndice A) e um gravador de voz.

Consideramos a entrevista um instrumento privilegiado para promover um espaço de diálogo com as participantes, de modo a, além de acessar e reunir informações a respeito do tema em questão, propiciar um momento de acolhimento, escuta e qualificação das formas singulares de expressão de seus afetos, experiências e modos de sofrimento. Então, de forma simplificada, pode-se dizer que a entrevista é um diálogo organizado, pautado por um objetivo, que proporciona um acesso abrangente tanto a dados primários, ou seja, que poderiam ser coletados a partir de outros meios, quanto a dados secundários, isto é, aqueles que são verificados através das reflexões construídas na conversa (Minayo, 2009).

Tendo em vista o acesso aos processos subjetivos através das entrevistas, faz-se importante ressaltar que a escuta psicanalítica tem a particularidade de qualificar como necessárias e legítimas as formações do inconsciente, o que implica conferir dignidade a manifestações que produzem um giro na lógica comum do discurso corrente, tais como: atos falhos, chistes e lapsos de memória (Freud, 1915). Nesse sentido, a noção de fala com a qual trabalha a escuta psicanalítica leva em conta a ideia de que há um dizer na fala que excede o dito consciente. Nota-se assim que a hipótese do inconsciente não se limita ao contexto clínico, uma vez que “está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais” (Rosa, 2004, p. 342).

3.3. Procedimentos de construção do material

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do UniCEUB (Parecer - 4.993.800). Após a aprovação, foi realizado o recrutamento das participantes através de convite via *WhatsApp*, explicando os objetivos e convidando-as a contribuir com a pesquisa. Após a aceitação, foram dados esclarecimentos a respeito do sigilo das informações e solicitada a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Em seguida, foram marcadas as entrevistas, que ocorreram de forma online, através da plataforma Google Meet. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas, de modo

a transformar seu conteúdo em texto (Orlandi, 2015). O material obtido foi organizado em eixos simbólicos importantes que orientaram o processo de interpretação a partir dos procedimentos da Análise do Discurso em articulação com as bases teóricas da psicanálise.

3.4. Procedimentos de análise do material

O material obtido nas entrevistas foi analisado a partir dos seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas das participantes no discurso, de forma a apreender aquilo que é trazido pelas mesmas em suas falas e posicionamentos, considerando, também, o que elas entendem por sofrimento psíquico e como interpretam o fenômeno em suas respectivas realidades; (ii) localizar as repetições temáticas, a fim de verificar o que é dado com mais intensidade e frequência, as paráfrases, metáforas e metonímias, nos atentando para o que é apresentado não apenas de forma direta, mas, sobretudo, por meio de figurações na qual os temas são concretizados em figuras que lhes atribuem revestimento sensorial; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos, partindo do entendimento que estes valores ideológicos são permeados pela percepção do lugar social que, tanto a entrevistadora como a entrevistada se atribuem mutuamente; (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas das entrevistadas, uma vez que para entender esses sentidos subentendidos é necessário que as entrevistadas e a entrevistadora partilhem de um conhecimento básico e prévio ao tema em questão, para que seja permitido inferir significados coerentes; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes, aferindo as conexões feitas pelas mesmas, bem como àquelas que poderão ser percebidas pela entrevistadora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa. Para fins didáticos, e para uma melhor compreensão e análise das falas, esta seção será organizada em eixos simbólicos, cujo conteúdo temático intitulará trechos que se destacaram no decorrer das entrevistas levando em conta o escopo do trabalho. O conteúdo adquirido nas entrevistas foi reunido em 3 categorias partilhadas nos discursos das mulheres: Ser mulher: “Uma luta constante”; As feridas do racismo: “O racismo... ele destrói” e

Interseccionalidade: “As coisas não se excluem, as dores se somam” para uma melhor compreensão e análise das falas/discursos.

4.1. Ser mulher: “Uma luta constante”.

A experiência de ser mulher é com certeza singular e única, no entanto, sabe-se que as semelhanças das vivências compartilhadas são inegáveis. Assim, foi comum nas falas das entrevistadas, quando questionadas sobre o que significava ser mulher na percepção delas, expressões como: “luta”, “é uma barra pesada”, “é difícil”. Tomando como referência a fala de Amanda:

“ser mulher é matar um leão a cada dia”

A entrevistada, através de uma metáfora, associa a vivência de ser mulher à dificuldade de “matar um leão”, e não só em um determinado momento, mas sim como uma dificuldade constante: “a cada dia”. É possível associar essas falas que relacionam a experiência de ser mulher com algo difícil às diversas ocasiões em que o fato de ser mulher gerou desconfortos, medo, inseguranças e tantos outros sentimentos, os quais são, de certa forma, quase inerentes à realidade de ser mulher em uma sociedade patriarcal. Especialmente o medo foi um sentimento bastante exposto pelas entrevistadas, ainda no discurso de Amanda, ela afirma:

“...a gente ter medo de sair sozinha porque a gente a mulher, a gente ter medo de parar o carro longe porque a gente é mulher, porque a gente sabe que se alguém vier, virá porque somos mulheres e porque estamos sozinha...então é bem difícil...”

O medo é então esse sentimento que mobiliza a vivência de ser mulher. Ser mulher é marcada por medos gerados não só por experiências próprias e individuais, mas também coletivas. Podemos pensar no que Safatle (2016) aponta ao dizer que o medo é o afeto que possibilita presumir as consequências prováveis através da memória de outros males, para que seja então viável uma ação mais pensada e refletida, o que certamente é vivido pelas mulheres. É sempre preciso calcular o lugar, a hora, a forma de falar, o jeito de se vestir, e tantas outras hipóteses que exigem serem feitas por causa do medo. Para finalizarmos a

reflexão sobre o medo, ainda tomando como base as reflexões de Safatle (2016), o medo é esse afeto inerente à vida social, é dele que os que possuem o poder se utilizam para sempre manterem a ordem e a soberania.

Então, a partir dessa reflexão pode-se trazer as bases da sociedade ocidental, a qual tem sua história edificada no pensamento patriarcal, tornando o homem o possuidor desse poder e dessa soberania. Consequentemente as opressões vividas pelas mulheres se estendem até os dias atuais, experienciando um discurso que as coloca como inferiores, menos capazes, e destinadas a ocupar, quase que obrigatoriamente, posições estigmatizadas como os de donas de casa e mães, que vivem exclusivamente para a família. Natália³ trouxe em sua fala:

"Talvez essa questão de feminilidade tenha a ver muito com isso, sabe? De ser uma peça central assim na família".

No contexto da fala da participante, a mesma referiu-se à mãe quando se perguntou sobre o que significava ser mulher. A partir disso pode-se perceber que o fato de ser mulher ainda é fortemente ligado às questões maternas e familiares. A participante tem como referencial feminino a mãe, não apenas como um referencial de feminilidade ou de mulher, mas como o centro da família. Durante a entrevista, a mesma ainda apontou que a mãe era quem "dava um jeito em tudo sempre", percebe-se então que a responsabilidade das tarefas domésticas, das obrigações relativas ao contexto familiar e da casa eram de responsabilidade da mãe.

Pensando nisso, Zanello, Fiuza e Costa (2015) apontam que há uma concepção comum do que seria "a verdadeira mulher", e esta é definida como aquela que exerce papéis específicos relacionados à família. Espera-se dessa "verdadeira mulher" expressões de amor e cuidado como características e funções principais, onde a mesma deve se doar aos outros. Não obstante, ainda há a percepção de que aquelas mulheres que não se enquadram nesses papéis, não exercem tais funções seriam "desnaturalizadas". Ainda, retomando Simone de Beauvoir (1967) que afirma que ser mulher não é algo dado, mas sim um vir a ser, um tornar-se fortemente influenciado pela sociedade e por esses papéis historicamente ligados ao feminino.

Ainda nessa perspectiva, foi possível remeter ao que Zanello (2012) apontou ao trazer que o fato da sociedade brasileira ser fortemente permeada pelo pensamento patriarcal, como já explicitado, faz com que as relações de gênero sejam inevitavelmente fundamentadas em relações de poder, na qual “a mulher é historicamente colocada à margem” (p. 268). Assim sendo, pode-se pensar que essa relação de poder, que coloca mulheres e homens em posições distintas, contribui para um pensamento, e até mesmo um sentimento, de que as mulheres são inferiores.

Nesse sentido, foi possível constatar similaridades nas falas das entrevistadas, as quais relataram esse sentimento de inferioridade, principalmente quando se trata do ambiente de trabalho. As experiências compartilhadas pelas entrevistadas trazem à tona o discurso de que o homem é sempre mais capaz de realizar uma determinada tarefa ou mais capaz de ocupar um cargo. Ao contar de um fato ocorrido em seu contexto de trabalho, Letícia diz:

"Daí eu fui resolver, aí ele pegou e falou assim: "ah, só deu certo por isso e isso aqui" ele meio que tipo assim, é... tipo, ele meio que desmereceu o que aconteceu. Mas era uma questão que eles não iriam conseguir resolver, mas se fosse outra... digamos se fosse um homem, ok".

É possível perceber, na situação que Letícia compartilha, como a desvalorização do que a mulher faz, mesmo que com competência e capacidade, é uma realidade, especialmente no ambiente de trabalho. A fala da entrevistada evidencia um machismo enraizado e como suas repercussões geram consequências devastadoras e significativas. A sensação de inferioridade, incapacidade e desvalorização são trazidas à tona, favorecendo ainda mais o sofrimento.

Pensando então no contexto do trabalho, e a partir do que (Império et. al, 2019) trouxeram ao explicitar a trajetória da mulher nesse meio, convém refletir sobre essa realidade que coloca a mulher sempre como menos capaz. Desde a antiguidade as mulheres são vistas como mais frágeis, indefesas e, conseqüentemente, menos capazes de exercerem certas atividades, e ainda que se mostrem competentes e até mesmo mais qualificadas, o discurso machista prevalece no ambiente laboral até os dias de hoje. Até questões de ordem

biológica são usadas para colocar a mulher como inferior e menos habilitada, Fernanda relatou o que já ouviu no ambiente de trabalho:

“Ele disse: ‘olha, os meninos vieram de uma faculdade menos prestigiada, mas eles são homens, entendeu? eles sabem lidar com pressão, eles sabem lidar com esse tipo de questão, eu já tive outras estagiárias que choravam por causa do caso, aí precisava ficar afastada, mulher é muito dramática, não vou colocar você pra lidar com coisas difíceis porque você é muito dramática, e aí depois começa com aquele negócio de tô com cólica tenho que sair mais cedo’ ”.

A experiência trazida pela participante retrata claramente como episódios de machismo no contexto do trabalho são frequentes e reais. No episódio retratado por Fernanda, é possível ver como discursos estabelecidos e perpetuados numa sociedade marcada pelo machismo, discursos os quais se utilizam até das questões físicas como desculpas e justificativas para colocarem a mulher como menor, inferior e incapaz de lidar com certas ocasiões. Assim, é preciso sempre considerar as marcas dessa violência, salientando para seus possíveis efeitos, como por exemplo uma maior probabilidade de apresentar sofrimento psíquico.

4.2. As feridas do racismo: “O racismo... ele destrói”.

Para iniciar essa etapa da sessão dos resultados e discussão partiremos de uma fala de Wanda, que retoma a história da formação do Brasil em articulação com o racismo como uma violência constituinte da sociedade brasileira:

"Se a gente for falar no Brasil, na minha cabeça vem muito o processo de estruturação e construção. O nosso país foi construído numa estrutura pra apagar a nossa negritude, e reforçar, e embranquecer a população... aqui no Brasil é muito velado o racismo, o pessoal: “Ah não existe, que isso, só uma piadinha, uma brincadeira” então assim, é sempre uma coisa “por baixo do tapete” sabe?”

Com a fala de Wanda, pode-se perceber como o racismo é uma violência que constitui as bases de uma sociedade que a todo custo nega sua própria estrutura racista. A força e o empenho por apagar os anos de escravidão e sofrimento são percebidos nas ações de um racismo velado, percebido como “piadinhas” e “brincadeiras” que “não têm nada a ver”. Pensando nisso, podemos remeter ao que Almeida (2019) traz sobre o racismo: “é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.” (p. 33).

Ainda Wanda relata:

“o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, e mesmo assim, quando terminou, terminou entre aspas, porque as pessoas pretas não tinham nenhum direito, tipo assim, meio que foram jogadas... sempre foi muito doloroso ser preto no Brasil, sabe? Sempre foi uma cultura que tentou apagar ao máximo isso, tentou não deixar vestígios...”

Sobre esse apagamento e essa negação da história, podemos remeter ao que Gonzalez (1984) trouxe ao definir as noções de consciência e memória. Para a autora a consciência seria o lugar onde o discurso predominante é exposto, onde há alienação e esquecimento. Ao passo que a memória é tida como o “lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita” (p. 226). Com base nessas definições, a mesma afirma:

Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade (p. 226).

Consoante à essa noção de memória trazida por Lélia González (1984), podemos pensar sobre o que Birman (2020) diz sobre a memória coletiva do povo brasileiro marcada por esse discurso dominante do homem branco. Também, parece possível relacionar a

realidade do Brasil ao que Fanon (1952) traz sobre a França: “o mito do negro-ruim faz parte do inconsciente da coletividade” (p. 90). O sistema de colonização impõe marcas hierárquicas entre o branco colonizador e o negro colonizado, marcas que expressam ações de poder sobre o outro, o qual se torna um fator constituinte da subjetividade do negro. Sobre esse aspecto Wanda diz:

“...tudo foi muito moldado pra que o que é preto fosse ruim, parecesse feio, parecesse perigoso, não digno de afeto! (...) eu acho o racismo uma parada tão bizarra, pq ele vai diretamente na sua mente, na sua cabeça! Ele vai diretamente em como você se entende, ele faz você pensar que você é aquilo! Se todo mundo tá dizendo que preto é feio, que preto é bandido, que é perigoso... aquilo vai internalizando dentro de você!”

O relato de Wanda nos faz questionar de que forma o racismo impacta na formação subjetiva do negro. Ao afirmar que “ele vai diretamente em como você se entende” compreende-se que não há como dissociar essa violência da forma como o próprio sujeito se enxerga e se percebe. O discurso imperante na sociedade é o mesmo que influencia na autopercepção do negro sobre si mesmo, revelando a indissociabilidade entre o âmbito psíquico e os componentes da estrutura social, cultural e política.

Então, convém retomar o que Neusa Santos (1990) apontou ao falar que o processo de identificação do homem negro se dá a partir de um Ideal do Eu branco, o qual precisa ser atingido. No entanto, Freud (1923) aponta que o processo de identificação se dá a partir da ligação afetiva com o Outro, não necessariamente positiva, o qual se torna o Ideal. Porém, essa identificação nem sempre é possível para o Eu, o que gera conflito. Sendo assim, quando torna o branco o alvo da identificação, e o torna como Ideal, o conflito é gerado porque este ideal não é realizável. Congruente à isso, Fanon (1952) colabora “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco.” (p. 28).

Partindo disso, pode-se pensar que quando esse conflito é gerado, inevitavelmente há sofrimento, e os mais diversos sentimentos podem ser observados. A partir do material obtido nas entrevistas, destacamos dois: o auto-ódio e a baixa autoestima. Começando pelo primeiro, Fernanda trouxe em sua fala:

“... o sofrimento psíquico é forte, porque a gente acaba se odiando né, é um processo de construção de auto-ódio, é como se a gente tentasse se destruir pra tentar se reconstruir da forma como o racismo entende que a gente deve ser, e muitas vezes se embranquecer pra isso...”

A fala de Fernanda nos possibilita refletir como esse conflito gerado, que impõe que o negro e suas características são ruins e inadequadas, ao ponto de ter sobre si ódio. Nessa perspectiva, podemos lembrar o que Costa (2021) aborda em seu prefácio no livro de Neusa Santos (2021): “A amargura, o desespero ou a revolta resultante da diferença em relação ao branco vai traduzir-se em ódio ao corpo negro” (p. 31).

Posteriormente, importa trazermos a baixa autoestima e o sentimento de inferioridade retratado também pelas entrevistadas. Para isso, tomaremos como representativo as falas de Amanda, que enquanto professora se viu reproduzindo os impactos desse sofrimento:

“...e olha que coisa, eu tenho que me policiar porque eu me pego cobrando mais dos meu alunos negros porque eu sei que pra eles vai ser mais difícil, e eu quero que eles sejam os melhores, eu não quero que eles sejam medianos porque um branco mediano vai alcançar qualquer coisa, um negro mediano não. Então o racismo vem pra causar essa dor, sabe?!”

Com relação à fala de Amanda, pode-se perceber que as marcas que o racismo gera não se limitam apenas ao sujeito que sofre diretamente com essa violência, mas o mesmo acaba se comportando e agindo a partir dos impactos causados. Amanda sabe o quanto é

difícil para uma pessoa negra ocupar espaços que são facilmente alcançados por pessoas brancas. Em seu discurso, podemos destacar que essa necessidade de sempre ser melhor e essa obrigação de se destacar para conquistar certos lugares é resultante do racismo.

Em seguida, podemos destacar o que Letícia retratou:

“A questão da autoestima é complicada, porque você precisa ressignificar o que é bonito, sabe? E aí ressignificar o que você pensa sobre você...e enfim, enquanto você faz isso, do lado de fora, a mídia, as outras pessoas dizem que você tá totalmente louca, que bonito é cabelo liso sim, que nariz bonito é nariz fino sim, que vamo fazer uma rinoplastia, então é complicado (...) pessoas negras fazem duas vezes mais pra ser a mesma coisa”.

Quanto à fala de Letícia, podemos ressaltar a presença do discurso racista que alega veemente que as características e feições brancas são melhores, e não só isso, mas que são as mais corretas. Ao passo que os atributos e especificidades negras são ruins e erradas. Nesse sentido, Letícia demonstra o quanto essa manifestação do racismo reflete no corpo e em suas particularidades, como a mesma aponta o cabelo e o nariz. A busca para deixar o que é dito feio e ruim, que seriam os traços e características negras, e se aproximar dos traços brancos, julgados como bons e melhores. Ainda com relação à temática, Neusa Santos (2021) diz: "É a autoridade da estética branca que define o belo" (p. 59).

Para finalizar o presente tópico, podemos questionar qual seria então a solução para que esses sofrimentos acabassem? Qual seria a solução para que a violência do racismo fosse exterminada? Trazemos então a fala de Amanda:

“Então assim, é um leão a cada momento, e dependendo das circunstâncias você enfrenta umas coisas desnecessárias sabe, e aí eu penso qual seria a opção pra não passar por isso? A opção seria ser branco, a opção só seria essa... então é muito difícil”.

A alternativa apresentada por Amanda é também uma alternativa que gera sofrimento, pois se a única saída é se tornar branco, a existência do negro se torna impossível. Sendo essa anulação da realidade e de quem se é como exclusiva possibilidade de cessar o sofrimento reforça as imposições do racismo estrutural, o qual fomenta esse sofrimento.

4.3. Interseccionalidade: “As coisas não se excluem, as dores se somam”.

Para dar início ao presente eixo é válida uma constatação: não é possível separar as dores causadas pelo racismo e pelo sexismo na vivência da mulher negra, por isso nomeamos este eixo com uma fala simbólica da entrevistada Fernanda: “... as dores se somam”. Nesse sentido, convém retomar a definição de interseccionalidade abordada por Carla Akotirene (2019) como uma ferramenta de estudo que considera as realidades (intersecções) pelas quais os sujeitos são atravessados.

Pensando então na sociedade brasileira, como será que a mulher negra estaria posicionada? Wanda traz em sua fala uma concepção marcante sobre isso ao dizer que:

“Ser mulher e negra é como se você tivesse na base da pirâmide”

Após essa fala marcante, a entrevistada explica que ser mulher negra no Brasil é sofrer as mais duras formas de violência. Ser mulher negra é ser alvo direto do racismo e do sexismo, e ambas as violências de formas específicas. O racismo enfrentado pela mulher negra é diferente do racismo enfrentado pelo homem negro, assim como o sexismo enfrentado pela mulher negra é diferente do sexismo enfrentado pela mulher branca. Como um exemplo, Letícia traz:

“Eu lembro de que quando eu era criança, minha mãe falava: ‘olha não pode sair desarrumada na rua, não pode sair com o cabelo bagunçado’, mas assim, eu não sabia o que era aquilo. Então eu cresci com isso, de andar sempre bem arrumada, eu gosto de me vestir bem e tudo mais, eu não entendia o por trás do que ela falava sabe, e hoje em dia eu entendo pq ela falava isso”.

Com relação ao que Letícia aponta, é fato que as mulheres negras sofrem com o racismo desde que são crianças. O fato de não poder sair ‘desarrumada’ ainda era estranho para a entrevistada, não entendia ainda quando mais nova o porquê de sempre ter que sair arrumada, e mais, não entendia o porque não podia deixar seu corpo, da forma que era, ser exposto naturalmente, como o cabelo por exemplo. Parece que existe um direito que não é possível para a mulher negra: o de sair ‘desarrumada’. Nesse ponto, pode-se destacar uma diferença entre ser mulher branca e ser mulher negra na sociedade brasileira. Pensando nisso, podemos remeter ao que Kilomba (2019) traz ao contar o seu constante sentimento de inadequação com relação ao seu cabelo e suas características, esse sentimento que a perseguia, mas que na verdade eram os rastros do racismo.

No que diz respeito aos desafios enfrentados pelas mulheres negras, as entrevistadas pontuaram bastante a questão da representatividade.

“Uma coisa é eu entrar na escola e ser confundida com uma aluna, ótimo, perfeito, posso ser confundida como uma aluna pra sempre, jovem. Mas outra coisa é você ser confundida com alguém da limpeza, o peso é diferente, entende?” (Amanda)

“Eu acho que uma coisa muito importante seria ter representantes de mulheres pretas na política...”(Wanda)

Conseguir se reconhecer em outras mulheres negras é a possibilidade real e alcançável de conquistar novos espaços e lugares. A inexistência da identificação com outras mulheres negras em espaços de destaque e prestígio, corrobora para que a perspectiva de conquistar determinados ambientes e posições seja anulada. Pensando nisso, Kilomba (2020) no prefácio de uma tradução de “Peles Negras, máscaras brancas”: “ Na biblioteca, Franz Fanon não existia, e assim eu também não” (p. 08).

Refletindo nessa fala, é possível dimensionar a importância e relevância da representatividade, a qual pode trazer à existência o que até então era visto como oculto e não relevante. Assim, a questão da representatividade se torna ainda mais expressiva quando nota-se que a mesma é uma estratégia de resistência das mulheres negras. Ao ocupar cada vez mais espaços antes não alcançados faz com que as mesmas se enxerguem

como potências, tornando mais real a esperança de mudanças significativas na sociedade brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo compreender como os fenômenos do racismo e do sexismo se articulam no contexto brasileiro, bem como seus processos de estruturação subjetiva, suas modalidades de sofrimento psíquico, e também as formas de resistência às opressões por elas vivenciadas. Com esse objetivo, utilizamos dos conceitos psicanalíticos de identificação, Ideal do Eu, negação e também a compreensão do feminino e da feminilidade no decorrer da história.

Inicialmente, na fundamentação teórica partimos de três eixos temáticos: (i) o feminino na contemporaneidade; (ii) o racismo segundo uma perspectiva psicanalítica; (iii) articulando gênero e raça. No primeiro eixo foram destacados os conceitos de feminilidade na contemporaneidade, também um breve histórico das lutas feministas na história, bem como pontuados os estereótipos relacionados às mulheres, como os de maternidade e família. Ainda nesse eixo, foram ressaltadas algumas das conquistas das mulheres na história, como por exemplo a Lei Maria da Penha. No segundo eixo, dissertamos brevemente sobre a história do Brasil e os impactos da colonização, também pontuamos algumas percepções psicanalíticas a respeito do fenômeno e seus impactos na subjetividade das pessoas negras. Por fim, no que se refere ao terceiro eixo temático, foi demonstrado a importância e a necessidade de articular gênero e raça, partindo do conceito de Interseccionalidade, pontuando a necessidade de não separar as dores vivenciadas pelas mulheres negras.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com seis mulheres negras. A partir do relato das participantes, foi possível ressaltar algumas semelhanças e pontos relevantes de suas falas. De forma unânime as entrevistadas definiram a experiência de ser mulher como difícil, e quando somado à cor de sua pele o sofrimento se torna ainda maior. Os impactos do racismo em suas vidas atingiram desde seus processos subjetivos, resultando em baixa autoestima, sentimento de inferioridade, auto-ódio, bem como seus corpos, tendo que vista que a busca por anular os traços negros eram práticas recorrentes, como alisar o cabelo e afinar o nariz. Ainda, as mulheres entrevistadas retratam experiências vividas por

elas mesmas e também por colegas, situações principalmente no ambiente de trabalho, que constantemente trazem à tona as marcas do racismo e do sexismo.

Como exposto nos objetivos da presente pesquisa, e também considerando o aparato teórico aqui abordado, se faz indispensável debater o papel da psicanálise nessa temática. Por isso, como sugestão para futuras pesquisas a investigação dos impactos do racismo e do sexismo especificamente na clínica psicanalítica, e como esses fenômenos se apresentam nesse contexto. Acreditamos que a psicanálise tem muito a contribuir no que se refere às discussões sobre racismo e sexismo, assim como a mesma precisa se questionar, no que se refere à clínica, sobre seus posicionamentos.

Consoante a isso, seria importante o reconhecimento do sofrimento psíquico experienciado por pessoas negras como efeito do racismo. Como a subjetividade de uma pessoa negra é alcançada pelo discurso ideal branco, que inevitavelmente chega à clínica psicanalítica. Além disso, convém reconhecer que o seio da psicanálise é europeu, e a história não pode ser deixada de lado no contexto brasileiro. Para tanto, seria interessante repensar e questionar os conceitos no cenário brasileiro, considerando suas especificidades, e levando em conta como os conceitos psicanalíticos podem de fato serem aplicados, e quais suas limitações, a fim de propiciar uma aplicação da mesma de forma mais eficaz e coerente.

Julgamos necessária a continuidade de pesquisas a respeito do racismo e do sexismo, levando em consideração os aspectos sociais, políticos e psicológicos presentes, considerando que o presente estudo não foi capaz de abarcar todas as facetas de um fenômeno tão complexo.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. & Ribeiro, D. (2019). *Interseccionalidade Feminismos Plurais*. Pólen Livros.
- Antoniassi Junior et. al., (2019). Mulheres em cena: o feminino na contemporaneidade. *Psicologia e Saúde em Debate*. 5, 27-27.
- Birman, J. (2020). 18 de Dezembro de 2020. Racismo Estrutural e Psicanálise - Joel Birman. [Vídeo]. YouTube. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HrSb-LNLbIA&t=283s>
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo – Fatos e Mitos*. Difusão europeia do livro.
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo – A experiência vivida*. Difusão europeia do livro.
- Cerqueira et. al., (2020. 27 de Outubro). Atlas da violência 2019. [Matéria de site]
https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784
- Freud, S. (2010). O Inconsciente (1915). In: *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. (pp. 74-112). Companhia das letras.
- Freud, S. (2011). O Eu e o ID (1923). In: *O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. (pp. 22-34). Companhia das letras.
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica.
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e Sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs*, 223-244.
- Gregolin, M. R. V. (1995). A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*, (39) 13-21.

Hallal, M. (2020, 20 de Julho). Brancos continuam recebendo 50% a mais do que negros no Brasil. *Uol*.

<https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/07/20/abismo-economico-entre-brancos-e-negros-persiste.htm>

Império, DA, Almeida, J., Fuzaro, PD, & Neumann, HR (2019). A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: LUTAS E CONQUISTAS. *Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)*, 3(1).

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200003>

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó

Mayorga, C., Coura, A., Miralles, N., & Cunha, V. (2013). As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. *Revista Estudos Feministas*, 463-484 <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200003>

Minayo, M. C. de Souza e Deslandes, S. F. (2009). Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade. *Editora Vozes* 28 ed.

Modelli, L. (12 de Fevereiro de 2022). Impunidade prevalece, e Brasil mantém trabalho em condições de escravidão. *Rede Brasil Atual*. Consultado às 19h de Abril de 2022.

<https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2022/02/impunidade-brasil-trabalho-escravo/>

Moreno, A. C. (2019, 06 de Novembro). Taxa de jovens negros no ensino superior avança, mas ainda é metade da taxa dos brancos. *Globo-G1*.

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/06/taxa-de-jovens-negros-no-ensino-superior-avanca-mas-ainda-e-metade-da-taxa-dos-brancos.ghtml>

Orlandi, E. P. (2005). *Análise de Discurso*. Pontes, 5ª edição.

Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010) O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188.

Rosa, M. D. (2004) *A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica*. *Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-248.

Safatle, V. P. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.

Silva, M. L., (2004). Racismo e os efeitos na saúde mental. I Seminário Saúde da População Negra. <http://www.mulheresnegras.org/doc/livro%20ledu/129-132MariaLucia.pdf>

Silva, T. M., (2013). *Violência contra as mulheres e interfaces com o racismo: o desafio da articulação de gênero e raça*. [Dissertação, Universidade Federal da Paraíba]. Programa de Pós-Graduação.

<http://www.ccj.ufpb.br/pos/contents-2/pdf/biblioteca-virtual/dissertacoes-2013/dissertacao-terlucia-maria-da-silva-ppgcj.pdf/view>

Silveira, L. (2019). Sexualidade feminina, alienação corporal e destino: Discutindo algumas teses de Freud a partir da crítica de Beauvoir. *Ipseitas, São Carlos*, 5(2), 106-127.

Zanello, V., & Silva, R. M. C. (2012). Saúde mental, gênero e violência estrutural.

Zanello, V., Fiuza, G. e Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal : Revista de Psicologia* [online], v. 27, n. 3 [Acessado 18 Julho 2022] , pp. 238-246. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>.

APÊNDICE A

ESBOÇO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Dados demográficos (nome, idade, qual classe econômica se considera, profissão, grau de escolaridade, etnia, gênero)

1. O que significa ser mulher para você?
2. O que a palavra negritude traz à sua cabeça? E a palavra branquitude?
3. Como, na sua opinião, o racismo e as desigualdades entre negros e brancos podem gerar sofrimento?
4. Como, na sua opinião, o sexismo e as desigualdades entre homens e mulheres podem gerar sofrimento?
5. Você percebe alguma diferença no racismo direcionado aos homens e o racismo direcionado às mulheres?
6. Você percebe uma diferença entre o preconceito direcionado às mulheres negras e às mulheres brancas?
7. Quais são e como você percebe os principais desafios vivenciados pelas mulheres negras no atual cenário brasileiro? Como você acha que é possível superá-los?
8. Você já passou por alguma situação de discriminação por ser mulher? Conte-me como foi.
9. Você já passou por alguma situação de discriminação em razão da cor da sua pele? Conte-me como foi.
10. Você já presenciou algum caso de sexismo ou racismo envolvendo outras pessoas? Pode me descrever como foi?
11. Quando e como se deu, na sua história, o processo de se reconhecer como mulher negra? O que contribuiu para isso? O que atrapalhou esse processo? Qual a importância que você atribui a esse autoreconhecimento?
12. Do seu ponto de vista você percebe que o racismo e o sexismo afetam sua vida psíquica?
13. Como você lida com esses fenômenos?
14. Você gostaria de falar mais alguma coisa? Algo que não foi perguntado?

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Trabalho: Considerações sobre o sexismo e o racismo na cultura brasileira: psicanálise, gênero e raça.

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisador responsável: Livia Campos e Silva

Pesquisadora assistente: Ana Beatriz Lira de Andrade

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico desse estudo é investigar o fenômeno do sexismo no Brasil, buscando compreender suas possíveis articulações com o racismo.

- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.

- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada.

- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.

- A pesquisa será realizada na própria residência ou ambiente de preferência do participante, pelo Google Meet, tendo em vista o contexto atual de pandemia.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.

- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.

- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Ana Beatriz Lira de Andrade, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisadora Responsável: Lívia Campos e Silva
Celular: – E-mail:

Pesquisadora Assistente: Ana Beatriz Lira de Andrade
Celular: (61)9 8250-0156 – E-mail: anabia@sempreceub.com

Endereço do/a(os/as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-120